

BULLYING E O PAPEL DA SOCIEDADE

Moana Oliveira Rocha¹ | Carmen Lucia Neves do Amaral Costa² | Irazano de Figueiredo Passos Neto³

Direito



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a problematização do *bullying* e o papel da sociedade, bem como de forma geral os vários setores dessa atividade humana. Não sendo um fenômeno novo, o *bullying* ainda está passando por um estágio inicial que precisa ser muito divulgado e analisado por toda a sociedade. Geralmente, são estudadas duas formas de *bullying*: a escolar e a do ambiente do trabalho, porém neste trabalho deu – se ênfase ao *bullying* em seus vários setores de atuação, tendo como objetivo esclarecer os fatos relacionados a esse fenômeno mundial envolvendo o Estado para estabelecer o equilíbrio e manter a igualdade, bem como efetivar conscientemente o combate ao problema, além disso, a presente pesquisa vem proporcionar conhecimento do tema com a necessidade de orientar as famílias e a sociedade para o enfrentamento desta forma violência que mais cresce no mundo, o *bullying*.

PALAVRAS CHAVE

Bullying. Sociedade. Transtorno Psicossomático. Combate e Prevenção.

This research presents the problematic of the *Bullying* and the role of society in general and the various sectors of this human activity. Although not a new phenomenon, *bullying* still be going through an early stage that must be highly publicized and analyzed throughout society. They are usually studied two forms of *bullying*: the school and the work environment, but this work has emphasized the *bullying* in its various sectors of activity, aiming to clarify the facts related to this worldwide phenomenon involving the State to establish equilibrium and maintaining equality, as well as consciously effective to combat the problem, in addition, this research is to provide knowledge on the subject with the need to target families and society to face this violence form the fastest growing in the world, *bullying*.

KEYWORDS

Bullying. Society. Psychosomatic Disorder. Combat and Prevention.

1 INTRODUÇÃO

Em pleno Século XXI, presencia-se um momento da história em que a violência está cada dia mais notoriamente constante na sociedade, por intermédio de atitudes denominadas *bullying*. Problema mundial que vem ganhando mídia nos dias atuais.

Mesmo não sendo um fenômeno recente, o *bullying* ainda precisa ser muito divulgado e analisado por toda a sociedade, pois, não há idade, sexo, raça ou poder aquisitivo para este mal aflorar, entretanto, ainda maior é a lesão que ele causa em um meio. Buscar entender o termo *Bullying* é o primeiro passo para que a sociedade com um todo se interesse pelo tema, vez que significa um ato compulsivo de humilhar e ridicularizar seu semelhante. Carregado de histórias marcantes. Este se caracteriza, segundo Fante (2005), num cenário terrorista que pode ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, vizinhança, locais de trabalho e até mesmo na família. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocionalmente e fisicamente o alvo da ofensa, diz a autora.

Este estudo tem como objetivo, discutir o papel da sociedade junto ao Estado na prevenção e combate do *bullying*, fenômeno que só poderá ser controlado se a sociedade contribuir. Nada pode ser feito em favor daqueles que sofrem, se a raiz do problema não for exposta, visando controlar e impedir essa prática. Geralmente, estuda-se unicamente uma forma de *bullying*, "o escolar", porém neste artigo, deu-se ênfase ao *bullying* em seus variados setores de atuação, seja no ambiente escolar, no trabalho, na universidade etc.

2 BULLYING: UM FENÔMENO DO SÉCULO XXI

Humilhar, excluir, discriminar, dar apelidos ofensivos, espalhar mentiras no mundo real ou virtual, tudo isso é inaceitável. O nome disso é *Bullying* e quando acontece na internet, denomina-se "*cyberbullying*". A palavra *bullying* tem origem no termo inglês *bully* que significa: brigão, mandão, valentão, caracterizada por atos agressivos negativos como: oprimir, humilhar, ameaçar, intimidar, e ridicularizar, realizados de maneiras repetitivas, seja verbalmente ou fisicamente exercido por um ou mais agressores contra um ou mais colegas. Conforme Valente (2012) a palavra *bully* é utilizada para descrever uma pessoa que usa a força para intimidar ou agredir outra mais fraca.

O *bullying* atua de forma consciente, através de atitudes antissociais em que o agressor tem como objetivo, causar dor e angústia a vítima, levando a uma queda de rendimento em qualquer contexto que este atue, transformando a saúde do sujeito passivo em doença psicossomática, numa relação de desigualdade de força e/ou poder.

Nos registros da educação infantil, esse fenômeno pode surgir desde cedo. Existem estudos na Psicologia que afirmam que, por volta dos dois anos de idade, ocorre uma primeira tomada de consciência sobre quem se é, separada de outros objetos, como a mãe. E perto dos 3 anos, a criança começa a se identificar como um indivíduo diferente do outro, sendo possível que se torne alvo ou vítima de *bullying*. Essa conduta é mais frequente quando ocorre maior relação entre pares, de forma cotidiana e estabelecida com outro, como no caso do ambiente escolar e universitário, não deixando, entretanto, de existir em outros contextos.

Em primeira síntese, deve-se entender o que se classifica como *bullying* e o que não se designa como tal, para que haja uma efetividade quanto há solução do problema, pois apesar do *bullying* ser uma agressão, nem toda a agressão é classificada como *bullying*. Para ser dada como *bullying*, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características. São elas: intenção do autor em ferir o alvo, repetição da agressão, presença de público espectador e concordância do alvo com relação à ofensa. Para que seja considerada *bullying*, a agressão deve ocorrer entre pares.

No âmbito de sua popularidade, esse fenômeno cresceu com a influência dos meios eletrônicos, como a internet e as reportagens na televisão, por isso os apelidos pejorativos e as brincadeiras ofensivas foram tomando proporções maiores. O *Bullying* ocorre devido a seu elemento essencial "o sujeito ativo" querer ser mais popular, sentir-se mais poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo ou por possuir pouca empatia.

Todavia, como explica Orson Camargo (2010) colaborador do Brasil Escola: muitos desses indivíduos praticam este tipo de violência por estarem inserido à famílias desestruturadas em que o relacionamento afetivo entre seus membros tendem a serem escassos ou precários, sendo uma pessoa que não aprendeu a transformar seu ódio em diálogo e para quem o sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir. Pelo contrário, sente-se satisfeito com a submissão do agredido, supondo ou antecipando quão dolorosa será aquela tirania vivida pela vítima. Isso tudo leva o autor do *bullying* a se manifestar e atingir o colega com repetidas humilhações ou deprecições, afirma Fante (2005).

Por outro lado o sujeito passivo, ou seja, o alvo dos agressores que geralmente são aquelas pessoas que possuem baixa autoestima, pouco sociáveis e quase inexistente de capacidade de se autodefender ou de fazer cessar estes atos prejudiciais contra si, acarretando uma possível erotização de insegurança para pedir ajuda. Entretanto há outros motivos para que o agressor provoque seu alvo, "como aquelas agressões que advém dos aspectos culturais, étnicos e religiosos, ou como normalmente acontece, por ser um novato ou por ser considerada a mais menina bonita da escola e que acaba sendo perseguida pelas colegas", exemplifica Guilherme Schelb (apud O *BULLYING...*, 2012, [n.p.]). Desta forma, o autor destas atitudes antissociais age com empatia por ter uma relação familiar na qual tudo se resolve pela violência verbal ou física e ele reproduz isso seja na escola ou em qualquer lugar que o *bullying* atue.

Sendo assim, o sujeito passivo sofre uma das piores consequências, ou seja, enfrentar o medo e pedir ajuda, podendo inclusive incorrer em morte, como nos casos de suicídio.

194 | Uma pesquisa da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) revela que 41,6% das vítimas nunca procuraram ajuda ou falaram sobre o problema, nem mesmo com os colegas. Segundo Aramis (apud ABRAPIA, 2012) são vários os motivos que levam os agressores a praticar o *Bullying*. O autor acredita que isto esteja relacionado às experiências que o educando tem na sua família e na comunidade. Afirma que:

[...] famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade, em que a violência doméstica é real ou em que a criança representa o papel de bode expiatório para todas as dificuldades e mazelas, são as fontes mais comuns de autores ou alvos de *Bullying*.

No Brasil, uma pesquisa realizada em 2010 com alunos de escolas públicas e particulares revelou que as humilhações típicas do *bullying* são comuns em alunos da 5ª e 6ª série. As três cidades brasileiras com maiores incidência dessas práticas são: Brasília, Belo Horizonte e Curitiba (CAMARGO, 2010). O *bullying* na forma escolar ocorre entre pares como se fosse um duelo em que um se subordinará ao mais forte, ocorrendo pela mínima inexistência de intervenção ou supervisão de pessoas adultas responsáveis pela organização e estruturação dos educandos.

Neste espaço, quando não ocorre uma efetiva intervenção contra o mal, o ambiente fica contaminado e os alunos sem exceção são afetados negativamente, experimentando sentimentos de medo e ansiedade. Na grande maioria, o espectador convive com a violência e se silencia em razão por temer a se tornar a próxima vítima do agressor, explica Orson Camargo (2010). Por outro lado, muitos psicólogos têm se dedicado a estudar também o *bullying* no "ambiente do trabalho".

Diferentemente de um assédio moral escolar, a intimidação, neste caso, ocorre pelo grau de hierarquia entre sujeitos do mesmo nível. A forma como se designa o *bullying* nesta área são as atitudes negativas de espalhar comentários sobre uma pessoa, recusar ou intimidar outras pessoas que desejam se socializar com a vítima, exagerar nas brincadeiras, criticar o modo de vestir ou outros aspectos socialmente significativos (incluindo a etnia da vítima, a religião, as incapacidades etc.). Portanto é imprescindível que a gestão esteja atenta para evitar problemas entre empregados, pois o *bullying*, no ambiente de trabalho, afeta o bem-estar dos trabalhadores e, conseqüentemente, a produtividade (VALENTE, 2010).

Já a atuação deste fenômeno na universidade pode ser visto como "o trote universitário", considerada mais uma forma de agressão. Percebe-se, em suma, um desafio com designações peculiares, vez que, ao contrário das escolas, o ambiente do ensino superior tem como formas de pressão psicológicas normais, como os prazos de entrega dos trabalhos, falta de dinheiro para continuar a pesquisa, falta de apoio do orientador, familiares, colegas e amigos. E, anormais, como o assédio moral, *bullying* e outros.

Nesta ocorrência, o *bullying* tem o poder de levar o universitário ao travamento de sua produção intelectual, além de causar danos à sua existência habitual. Não somente alunos, mas, também professores, essa prática ocorre devido a não ter "inspetores" nos corredores, "e a maioria dos professores não tem um contato tão próximo com a turma que permita um acompanhamento personalizado".

No Brasil os primeiros trotes violentos aconteceram no século XIX. Em 1831, um estudante foi morto a golpes de bengala durante trote na Universidade de Recife. E em 1850, alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco reagiram ao trote e a intervenção da polícia foi necessária para controlar a situação. Ao longo dos anos as Universidades vêm tentando alterar

Estas atitudes tem gerado, ao longo dos anos, certa revolta por parte dos demais alunos – vítimas do *Bullying* – que acabam protagonizando sérias tragédias. 2007 – jovem sul-coreano de 23 anos, aluno do último ano do curso de Letras, invadiu a Universidade Virgínia Tech, nos EUA. No prédio da Faculdade de Engenharia, trancou as portas com correntes, atirou na cabeça de um professor, partindo depois para os alunos, matando 32 e ferindo 29 pessoas – entre alunos e professores – suicidando em seguida. Casos envolvendo racismo, também levam os universitários a praticarem *bullying*. Ainda em 2007, supostos vândalos atearam fogo à porta do alojamento de quatro alunos africanos na Casa do Estudante Universitário (CEU), na Universidade de Brasília (UnB) (BLOG..., 2012).

Observa-se que há casos de crimes complexos advindos do *bullying*, praticados por pessoas que não suportaram tamanha pressão psicológica, deixando de ser a vítima passando para o agressor. Talvez o pior efeito da pressão sofrida, nos casos de *bullying*, é a vítima se sentir condenada à 'inexistência', ou à 'invisibilidade', geralmente levado a cabo por grupo que combina entre si ignorar um colega, fazer de conta que ele não existe desqualificá-lo na sua competência intelectual, ou rejeitar um pedido seu, etc. Há casos em que a vítima aprende a conviver com a situação, se tornando uma voluntária servil do dominador. É na ocorrência destes casos que a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), sugere as seguintes atitudes (ABRAPIA, 2012, [n.p.]):

- O primeiro passo é admitir que qual lugar é um local passível de *bullying*. Sendo assim, deve – se informar ao professor e aluno, gestor, coordenador de universidade, ou qualquer outra área de profissão que este se instale, sobre o que se trata o problema deixando claro que o estabelecimento não admitirá a prática.
- Conversar com o a comunidade e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
- Estimular os grupos a informar os casos;
- Reconhecer e valorizar as atitudes de cada um no combate ao problema;
- Criar com os grupos regras de disciplina para qual que seja sua área de atuação em coerência com o regimento do mesmo.
- Estimular lideranças positivas entre os grupos, prevenindo futuros casos;
- Interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do *bullying*, seja como professor na classe de aula, gestor, inspetores nos corredores da universidade, ou em qual quer outra área como dito, que este se instale.
- Evitar o tom de acusação de ambos os lados, e se necessário, seja o alvo ou o autor do *bullying*, ambos precisam de ajuda e apoio psicológico.

Entretanto, percebe-se que só será possível um ambiente saudável, através dessas atitudes que advenham da ética e da moral como prática educativa, e por outro lado do princípio da alteridade para que se possa como efetividade combater este mal, construindo uma nova sociedade e assim, dando um novo rosto a comunidade através da própria cooperação e solidariedade da formação cidadã. Este compromisso individual e coletivo gera um movimento educativo sobre quem assiste a violência, fazendo com que esse espectador, passe a refletir a respeito dos valores humanos e assim, minimizar ações de *bullying*, explica Adriana Ramos (CONFIRA..., 2012), pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenadora do curso de pós-graduação da Universidade de Franca (Unifran). Segundo ela, "as relações interpessoais na escola [...] [geram] a construção da autonomia moral."

Porém, para aderir essa utopia construtora, as pessoas envolvidas devem agir, voltando-se para o praxiológico, no que diz respeito à importância de pensar e agir, numa interação permanente, ou seja, em um movimento em que se volte para a recuperação dos valores essenciais que direcionem a vida humana. A sociedade não pode legitimar a atuação do autor da agressão nem humilhá-lo ou puni-lo com medidas não relacionadas ao mal causado, como proibi-lo de frequentar os lugares.

Mas por outro lado, o alvo precisa ter a autoestima fortalecida e sentir que está em um lugar seguro para falar sobre o ocorrido. Ainda é preciso conscientizar o espectador do *bullying*, que endossa a ação do autor a ter um compromisso ético de responsabilidade social para como próximo assumindo o exercício de sua liberdade na construção de novo amanhã onde caibam todos. Esta tarefa ele não realizará sozinho. Como diz Paulo Freire (2001, p.36), "ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho; os seres humanos se libertam em comunhão, mediatizados pelo mundo". Deste compromisso individual e coletivo, assume-se um comportamento educativo em prol da educação. Nisto consiste o sentido de heteronômia, auxiliando como uma resposta à expressão do rosto do outro. Nessa abordagem, cabe ressaltar que conversar abertamente é o primeiro passo da ação ao engajamento ético educativo da solidariedade.

O *bullying* contra esse público costuma ser estimulado pela falta de conhecimento sobre as anomalias, sejam físicas ou intelectuais, e, em boa parte, pelo preconceito enraizado de sua bagagem histórica, cabendo ao educador, estabelecer limites para essas reações e buscar erradicá-las não pela imposição, mas por meio da conscientização e do esclarecimento.

Não se trata de estabelecer uma distinção entre ambos quando o assunto é *bullying*, mas isso reforça a tarefa da hospitalidade ao encontro do entendimento do outro, da conscientização que atinge o eu, único e próprio. O rosto no rosto do outro se identifica pela palavra que expressa o grande clamor pela vida, não como uma simples face de alguém com quem entramos em relacionamento, mas a revelação de um sujeito inteiro do qual nos aproximamos (LEVINAS apud IMBERT, 2002, p.52). Diante desta preconização de uma "ética da alteridade", melhor que culpar ou vitimar um sujeito, é tarefa dos grupos de cada ambiente, oferecer um lugar propício para que todos possam desatar os nós da tensão por meio do diálogo, dando o direito ao outro ser, também, um participante do processo de aprendizagem, cessando, assim, com a violência.

No tocante a mais nova forma de *bullying*, dá-se-á o nome de ferramenta moderna, "o *cyberbullying*". Sendo uma forma virtual diferente de praticar o fenômeno, caracterizado como aquele que se alastra rapidamente tornando-se ainda mais perverso, devido às pes-

soas envolvidas não estarem cara á cara. O *cyberbullying* é designado como aquele *bullying* que ocorre por meios eletrônicos, através de mensagens difamatórias ou ameaçadoras circulando por e-mails, sites, blogs (os diários virtuais), redes sociais e celulares.

Esse tormento de agressão pela internet faz com que a criança, o jovem ou o adulto humilhado não se sinta mais seguro em lugar algum, e em momento algum. Sua especialidade é o anonimato, por isso, mais severo do que o *bullying* cotidiano, e pela possibilidade de maior proporção de crueldade dos comentários e ameaças. É, também, responsabilidade do Estado abrir espaço para o discurso do fenômeno *bullying*, por este ferir princípios constitucionais como: respeito, dignidade da pessoa humana, vida dos sujeitos, integridade física e moral, valores individuais, igualdade perante a lei e principalmente, a prática de ato de racismo, considerado crime diante da lei, tudo designado como bens jurídicos tutelados e assegurados pelo Estado. Visando as leis infraconstitucionais como o Código Civil que determina, "todo ato ilícito que cause dano a outrem gera o dever de indenizar" e o Código de Defesa do Consumidor que tem em vista, as escolas que prestam serviços aos consumidores e, portanto, responsáveis por atos de *bullying* que ocorrem dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

Diante deste entendimento o *bullying* será crime, podendo essa prática ser tipificada no novo Código Penal. Na percepção de um grupo de juristas que discute a reforma do dispositivo, o ato de agredir física ou verbalmente algum menor de forma intencional e continuada pode ser classificado como intimidação vexatória. Se o autor for maior de idade, pode ficar preso por até quatro anos. Caso o agressor seja menor de 18 anos, o caso será analisado seguindo as determinações previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, que prevê o cumprimento de medidas socioeducativas, que vão desde prestação de serviços até internação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Assmann (2002, p. 20), "se os seres humanos não são tão naturalmente solidários", esta dimensão ética somente florescerá se for plantada e cultivada no coração humano através da educação. Essa tarefa se exercitará desde os pequenos gestos cotidianos entre as crianças em uma sala de aula até um cidadão adulto, solidário, criativo, perguntante, que saiba conviver com as diferenças, que ainda saiba indagar diante de tudo o que acontece ao seu redor e que nunca perde a alegria de participar de uma grande festa da vida, existirá se for plasmado pela ação educativa.

A partir desse contexto, percebe-se a grande importância do papel da sociedade, junto ao Estado, para tomar medidas preventivas que sejam capazes de combater esse fenômeno complexo e variável que é o *bullying*. Assim, na concepção de Arrieta (2000, p.65), quando descreve sobre a atribuição de competências e responsabilidades, diz que: "[...] é necessário que se encare com seriedade o desafio de não mais se restringir a uma atitude passiva, mas sim, que se tenha uma postura ativa, que contemple e procure realizar um trabalho profundo." Deve-se, todavia, "[...] estruturar-se o processo, atribuindo-se competências e responsabilidades aos órgãos e à comunidade participante."

Segundo a autora mencionada, é necessário aceitar que o problema existe, porém é preciso que se encare essa proliferação implantando medidas prevenção. A ABRÁPIA aconselha a adotar uma política anti-*bullying*, que envolva toda a comunidade. Entretanto, para que isso aconteça de fato, será necessário que todos se sensibilizem e se conscientizem, principalmente mobilizem-se quanto a essa realidade circundante. E somente assim,

198 | poderá ser feito um diálogo com o Estado, que avalie esse problema a partir de um compromisso verdadeiramente humano, pois é através da ação e da palavra que se passa de um processo de hominização para uma condição de humanização, na construção de um ser humano cada vez mais lúcido, consciente, dinâmico, participativo, fabricante de sua própria existência, por meio de uma realidade coletiva que contemple a inclusão de todos, mesmo que esta utopia não se realize de forma espontânea e tampouco instintiva.

Portanto, este estudo possibilitou a descoberta de novas contribuições ao assunto, possível através do movimento dialético de todo desabrochar humano, principalmente por intermédio da cooperação dos envolvidos e por parte daqueles que aderem e defendem a educação tradicional, ação importante para combater essa prática antissocial que é o *bullying*.

Para isso, a educação tem um papel central. Portanto, deve-se acreditar e apostar em uma educação que abra horizontes de esperança e que seja capaz de articular competências e habilidades sociais em todos aqueles que estiverem inseridos nesse processo de humanização dos sujeitos (BANDEIRA, 2003, p.33).

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Disponível em: <<http://pt.wiser.org/organization/view/d179c301b16ef970e0999c3921a34b24>>. Acesso em: 20 set.2012.

ARRIETA, Gricelda Azevedo. **A violência na escola**: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola. Canoas: ULBRA, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BANDEIRA, Lúcia Regina. **A afetividade na educação**. Carazinho: ULBRA, 2003. Monografia, Pós Graduação em Administração na Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2003.

BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao futuro**: a educação como compromisso ético. Porto: profedições, 2005.

BLOG, PET Engenharia Civil da UFJF. **Bullying na universidade**. Criado em 11 de jul. de 2012 [online] Disponível em: <<http://blogdopetcivil.com/2012/07/11/bullying-na-universidade/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

CAMARGO, Orson. Colaborador Brasil Escola. **Bullying** [online] Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em: 24 out. 2012.

CONFIRA como foi o fórum sobre *bullying* com a pesquisadora adriana ramos. Gestão escolar: 21 perguntas e respostas sobre *bullying* [online], **Revista Escola**, 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas SP: Veros, 2005.

GROISMAN, Serginho. **Criança & mídia** – campanha da rede globo contra *bullying* [vídeo online] Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wRSIhtkwMIO>> .Acesso em: 20 nov. 2012.

HERKENHOFF, João Baptista. **Ética, educação e cidadania**. 2. ed. Porto alegre: Livraria do advogado, 2001.

IMBERT, Francis. **A Questão da ética no campo educativo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MIRANDA, Maria Inês Ferreira de et al. Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao *bullying*. **Enfermagem em Foco** 2012; 3(3): 114-118. Disponível em: <revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/.../155>. Acesso em: 10 set. 2012.

O *BULLYING* é um fenômeno recente? Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-phenomeno-recente-610444.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2012.

SIQUEIRA, Raquel de Arruda. **A problemática do bullying na prática docente**, [online] Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/bullying/7301/#ixzz2DSPTEGyh>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

VALENTE, Luciano. **Bullying também pode ocorrer no ambiente de trabalho**. Publicado em: 13/07/2010 [online] Disponível em: <<http://www.scribtaonline.com.br/artigos/bullying-tambem-pode-ocorrer-no-ambiente-de-trabalho>>. Acesso em: 10 out. 2012.

Recebido em: 9 de janeiro de 2013
Avaliado em: 10 de janeiro de 2013
Aceito em: 10 de janeiro de 2013

1 Acadêmica em Direito pela Universidade Tiradentes – Campus Propriá – UNIT.

2 Mestre em Comunicação e Cultura – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Especialista em Métodos e Técnicas de Elaboração de Projetos de Intervenção Social – Pontifícia Universidade Católica - PUC-MG; Especialista em Metodologia do Ensino Superior – Universidade Tiradentes – UNIT; professora da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: amaralpesquisa@hotmail.com.

3 Mestre em Comunicação e Cultura – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; professor da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: nickpassos@infonet.com.br

Artigo elaborado a partir de atividade desenvolvida na disciplina Práticas Investigativas II. Campus Propriá/SE – Universidade Tiradentes – UNIT.